A memória coletiva em "Uso diário", de Alice Walker

Jacqueline Laranja Leal Marcelino

Desleituras
ISSN 2764-006X — Número 15 - jan.|fev. 2026

[Recebido em 10 jan. 2026, aceito em 02 fev. 2026]

DOI:https://doi.org/10.56372/desleituras.v15i15.231

Jacqueline Laranja Leal Marcelino
Doutora em Letras (Universidade Federal do Espírito Santo, UFES). Professora da Universidade do Estado da Bahia, Campus X, Teixeira de Freitas.
E-mail: jmarcelino@uneb.br

Resumo: Neste ensaio analisaremoss o papel da memória coletiva na construção das personagens femininas do conto *Uso diário*, de Alice Walker, a partir da perspectiva teórica de Maurice Halbwachs. Compreendendo a memória como um fenômeno social, o estudo investiga como as lembranças individuais da narradora e de suas filhas, Dee e Maggie, são constituídas e legitimadas no interior do grupo familiar. A análise evidencia que a memória coletiva se manifesta por meio da partilha de experiências, da convivência cotidiana e da preservação das tradições familiares, especialmente no que diz respeito aos objetos artesanais confeccionados para o uso diário. Enquanto Maggie se identifica com os valores e as práticas herdadas, Dee se distancia do grupo ao reinterpretar esses mesmos objetos como artefatos culturais a serem preservados esteticamente, e não utilizados. Concluimos que o conto problematiza o conflito entre pertencimento e distanciamento cultural, revelando como a memória coletiva atua na construção das identidades femininas afro-americanas e na valorização das tradições familiares.
Palavras-chave: Literatura afro-americana. *Uso diário*. Alice Walker. Memória coletiva. Identidade feminina.

Abstract: In this essay we will analyze the role of collective memory in the construction of female characters in the short story *Everyday Use* by Alice Walker, based on the theoretical perspective of Maurice Halbwachs. Understanding memory as a social phenomenon, the study investigates how the individual memories of the narrator and her daughters, Dee and Maggie, are formed and legitimized within the family group. The analysis shows that collective memory is expressed through shared experiences, everyday coexistence, and the preservation of family traditions, especially regarding handmade objects intended for daily use. While Maggie identifies herself with inherited values and practices, Dee distances herself from the group by reinterpreting these objects as cultural artifacts meant for aesthetic appreciation rather than practical use. We conclude that the short story problematizes the tension between the sense of belonging and cultural detachment, revealing how collective memory shapes Afro-American female identities and affirms the significance of family traditions.
Keywords: African American Literature. *Everyday Use*. Alice Walke. Collective Memory. Female Identity.

Introdução

O conto *Uso diário* (*Everyday Use*), de Alice Walker, insere-se no contexto da literatura afro-americana contemporânea como uma narrativa fundamental para a compreensão das relações entre memória, identidade e tradição cultural. Ambientado no sul rural dos Estados Unidos, o texto apresenta o reencontro de uma mulher negra com suas duas filhas, Dee e Maggie, cuja interação revela tensões simbólicas relacionadas à herança familiar, ao pertencimento cultural e às diferentes formas de apropriação do passado. A disputa em torno das colchas de retalhos confeccionadas por gerações da família constitui o núcleo narrativo do conto, funcionando como metáfora da memória coletiva e de sua função na construção da identidade feminina.

A emergência e a consolidação da literatura afro-americana, especialmente a partir da segunda metade do século XX, configuram-se como um espaço de contestação das narrativas hegemônicas e de afirmação das experiências históricas e culturais da população negra nos Estados Unidos. Nesse âmbito, a produção de Alice Walker destaca-se por articular questões de gênero, raça e classe, atribuindo centralidade às vivências cotidianas das mulheres negras. A literatura, nesse contexto, não apenas representa tais experiências, mas atua como um meio de preservação e transmissão da memória coletiva, transformando vivências compartilhadas em narrativas que reafirmam identidades e valores culturais.

Neste ensaio analisaremos a construção da memória coletiva no conto *Uso diário*, observando de que maneira as personagens femininas elaboram suas identidades a partir de diferentes vínculos com o grupo familiar e com suas tradições. Busca-se examinar como as lembranças individuais da narradora, de Maggie e de Dee se articulam — ou se afastam — da memória coletiva da família, evidenciando processos de pertencimento, distanciamento e ressignificação cultural. Tal análise permite compreender o papel da memória na constituição da identidade feminina afro-americana representada na narrativa.

A fundamentação teórica do estudo baseia-se principalmente nos pressupostos de Maurice Halbwachs, cuja concepção de memória coletiva compreende a lembrança como um fenômeno social, construído e legitimado no interior dos grupos. Para o autor, ainda que a memória individual possua um caráter psicológico, ela só se efetiva plenamente quando ancorada em quadros sociais compartilhados. Essa perspectiva permite interpretar os conflitos do conto como resultantes de diferentes graus de inserção das personagens nos grupos aos quais pertencem, bem como das transformações ocorridas em seus contextos sociais.

Ao articular os estudos sobre memória coletiva com a análise literária de *Uso diário*, este trabalho propõe uma leitura que evidencia a literatura afro-americana como um espaço privilegiado de inscrição da memória e de construção da identidade feminina. Assim, o conto de Alice Walker revela-se um campo fértil para a reflexão sobre as formas pelas quais o passado é preservado, disputado e ressignificado no cotidiano das relações familiares. Entendemos que a memória coletiva faz parte de nossas vidas pois, se elencarmos lembranças de qualquer momento de nossas vidas veremos que estas recordações estão sempre associadas a um grupo e ainda que uma memória individual possa ser identificada, esta só existe na medida em que esse indivíduo está integrado a um grupo. Dentre os vários exemplos que Halbwachs utiliza para ilustrar este ponto de vista destacamos a descrição sobre a primeira visita dele a Londres quando esteve diante de *Saint-Paul* ou da *Mansion House*. O autor diz que o tempo todo e em todas as circunstâncias ele não estava sozinho; pois em pensamento ele se situava neste ou naquele grupo. Ele reflete que ainda que passeasse sozinho, as lembranças não seriam só dele, pois ao passear por diferentes lugares ora se lembrava do que lhe havia dito um amigo historiador, ou amigo pintor sobre o lugar; menciona ainda que os romances de Dickens lidos na infância o fazia crer que ele passeava pela cidade com Dickens.

Nosso estudo será norteado pela perspectiva de memória essencialmente coletiva, a capacidade de lembrar mediante a

presença de um grupo e a relevância do grupo para legitimar as lembranças e memórias.

Sobre memória individual e memória

Sabemos que a memória é constituída pelo passado rememorado a partir do presente, que pauta essa releitura. Embora se refira ao passado com base no presente, o aspecto temporal da memória é também relativo ao futuro (Gagnebin, 2004, p. 91). Nesse sentido, Halbwachs (2006) não nega a existência da memória individual, que encerra um caráter psicológico, podendo ser explicada como a faculdade de armazenar informações, mas destaca que esta não pode ser desconectada dos contextos sociais em que foi produzida. Para o autor a rememoração pessoal está situada na encruzilhada das redes de relacionamentos em que estamos envolvidos e destaca que as mudanças que ocorrem nas nossas relações com os grupos aos quais estamos ou estivemos integrados influenciam na seletividade do que lembramos ou desejamos lembrar e também na maior ou menor clareza destas lembranças. Ele defende a relevância da compreensão da memória como fenômeno coletivo ao afirmar que é necessário que haja um testemunho para que um fato se perpetue e se torne memória para um grupo, pois "[...] recorremos a testemunhos para reforçar ou enfraquecer e também para completar o que sabemos de um evento sobre o qual já temos alguma informação, embora muitas circunstâncias a ele relativas permaneçam obscuras para nós" (Halbwachs, 2006, p. 29).

É imprescindível que o testemunho do "eu" e do "outro" se harmonizem visto que ambos devem se reconhecer como parte de um mesmo grupo sendo que o evento ou eventos vividos e recordados devem ser comuns aos integrantes do grupo, assim é possível que a memória individual possa ser transposta de sua natureza pessoal para uma natureza coletiva que a torna mais significativa e legitima (Halbawachs, 2006).

Pode-se dizer, então que a memória individual depende da memória coletiva, uma vez que não será possível a legitimi-

dade de recordações de um indivíduo em determinado contexto, se as lembranças entre os participantes deste grupo não se identificarem, tendo em vista que:

> Para que nossa memória se aproveite da memória dos outros, não basta que estes nos apresentem seus testemunhos: também é preciso que ela não tenha deixado de concordar com as memórias deles e que existam muitos pontos de contato entre uma e outras para que a lembrança que nos fazem recordar venha a ser reconstruída sobre uma base comum [...]. É preciso que esta reconstrução funcione a partir de dados ou de noções comuns que estejam em nosso espírito e também no dos outros, porque elas estão sempre passando destes para aquele e vice-versa, o que será possível somente se tiverem feito parte e continuarem fazendo parte de uma mesma sociedade, de um mesmo grupo (Halbwachs, 2006, p. 39).

As memórias são construções dos grupos sociais, sendo que tais grupos é que vão determinar o que é memorável e os lugares onde está memória será preservada. As memórias de um indivíduo não são, portanto, exclusivamente suas, e não existe lembrança apartada de uma sociedade (Halbwachs, 2006), pois

> nossas lembranças permanecem coletivas e nos são lembradas por outros, ainda que se trate de eventos em que somente nós estivemos envolvidos e objetos que somente nós vimos. Isto acontece porque jamais estamos sós. Não é preciso que outros estejam presentes, materialmente distintos de nós, porque sempre levamos conosco e em nós certa quantidade de pessoas que não se confundem (Halbwachs, 2006, p. 26).

Nesta perspectiva, a constituição da memória de cada pessoa resulta da interação das memórias dos diferentes grupos dos quais ela faz parte: família, escola, um grupo de colegas de classe ou de trabalho e a carga de influência que cada grupo impõe. Por isso a memória individual não pode existir isolada e fechada. Se por um lado "na base de qualquer lembrança haveria um chamamento a um estado de consciência puramente individual (Halbwachs, 2006, p. 42) que implica dizer que mes-

mo integrando um grupo, uma pessoa não se descaracteriza porque apesar de um passado comum com determinado grupo, apresenta especificidades em suas lembranças, a noção de memória que prevalece é a memória coletiva já que a memória individual tem uma relação intrínseca e dependente da memória coletiva.

A memória coletiva por sua vez, abarca a memória do grupo e cada integrante deste grupo deverá se identificar com a mesma, uma vez que construímos nossas lembranças no contexto das relações de grupos a que pertencemos, e estas recordações estão marcadas pelas memórias das pessoas e do contexto que nos cercam influenciadas por nossa interação com estes elementos, pois

> a rememoração também significa uma atenção precisa ao *presente*, particularmente a estas estranhas ressurgências do passado no presente, pois não se trata somente de não esquecer do passado, mas também de agir sobre o presente. A fidelidade ao passado, não sendo um fim em si, visa à transformação do presente (Gagnebin, 2004, p. 91).

Nesse sentido, a literatura se estabelece de espaço simbólico privilegiado pois, a memória cumpre sua dimensão compartilhada e sua função social a partir do momento em que toma a forma narrativa (Le Goff (2013).

Memórias da narradora: uma mulher negra, mãe de duas filhas

O conto *Uso diário* é narrado por uma mulher negra, mãe de duas meninas: Maggie e Dee, que viviam em uma pequena cidade na área rural no sul dos Estados Unidos. A trama inicia a partir das expectativas do retorno da primogênita Dee à casa materna depois de uma longa ausência de viagem para estudos, sendo que o conflito principal se estabelece durante esta esperada visita que dura parte de um dia.

A narradora se apresenta como uma mulher grandona, forte e trabalhadora e se mostra orgulhosa por suas qualidades.

A pobreza da família é destacada desde o início da narrativa, seja pela descrição da casa, modo de vida da família e dificuldades enfrentadas, inclusive a mãe negra ressalta que precisou contar com a ajuda da igreja para que a filha Dee pudesse viajar para estudos. Temos principalmente a descrição psicológica da filha Dee através de relatos desta mãe narradora e na maioria das vezes estes relatos partem de recordações, memórias. A princípio poderíamos classificar de meramente memórias individuais desta mãe, mas no decorrer da narrativa esta memória se afirma como memória coletiva porque no desenrolar da trama observa-se o testemunho incondicional da filha Maggie confirmando as memórias da mãe.

Através das recordações desta mãe nos é revelado que sua filha Dee se considerava mais sofisticada e com mais estilo que sua irmã Maggie e possivelmente superior a qualquer outra pessoa da vizinhança, e, antes mesmo de sair para estudar em Augusta:

> Dee queria do bom e do melhor. Um vestido de *organdi* amarelo para a formatura da escola; *escarpins* pretos para combinar com um conjunto verde que ela reformara de umas roupas que alguém lhe dera. [...] Aos dezesseis anos ela já possuía um estilo próprio; e sabia o que estilo significava. (Walker, 1998, p. 55).

Podemos observar que a menina Dee apesar de ciente de sua pobreza ousava solicitar roupas novas e mesmo escolher sapatos e não apenas se contentava com qualquer par de sapatos que poderia ganhar de segunda-mão e mesmo as roupas que eventualmente ganhasse por caridade eram reformadas por ela própria, segundo seu próprio estilo e gosto.

Já a filha Maggie é descrita em tempo real quando surge pedindo opinião da mãe sobre sua aparência para receber a irmã que vai chegar: "Como é que estou, mamãe? - Pergunta Maggie, mostrando um mínimo de corpo magro coberto por saia cor de rosa e blusa vermelha só para eu saber onde ela está, quase escondida atrás da porta. (Walker, 1988, p.54). Sua mãe nem responde e se limita a chamá-la para o quintal onde

se encontra. Nesta passagem observamos a insignificância da aparência desta filha para a mãe pois além de não responder ao questionamento da filha sobre sua aparência, a narradora a descreve comparando-a com um animal manco atropelado por alguém, de quem o animal se aproximou tentando ser gentil.

Pelas memórias da narradora mãe, também ficamos sabendo que Dee detestava a casa pobre em que moravam na narrativa da ocorrência do incêndio que consumiu a morada delas:

> Os olhos estavam muito abertos, arregalados, iluminados pelas chamas que refletiam. E Dee? Vejo-a de pé, meio afastada, de baixo do liquidâmbar de onde costuma extrair resina; a concentração estampada no rosto enquanto observava a queda de uma das tábuas cinzentas e encardidas da casa na direção da chaminé de alvenaria incandescente. Por que não dança em volta das cinzas? Era o que eu tinha vontade de lhe perguntar. Ela odiara profundamente aquela casa" (Walker, 1998, p. 54).

Mesmo conhecendo a situação de pobreza da família, e a falta que a morada poderia fazer, a primogênita Dee se mantém a parte do acontecido, como se esse não a atingisse ou não importasse para ela. Neste episódio concorrem também recordações da mãe sobre como a irmã Maggie reagiu a este incêndio de forma bem diferente de sua irmã Dee: "Vez por outra ainda ouço as labaredas e sinto os braços de Maggie grudados a mim, seu cabelo fumegante e o vestido se desfazendo em floquinhos negros. Os olhos estavam muito abertos, arregalados, iluminados pelas chamas que refletiam (Walker, 1988, p.54). Podemos observar que Maggie estava na casa na hora do incêndio ou talvez tenha adentrado a casa na tentativa de salvar alguns pertences porque o fato da mãe se lembrar de Maggie "grudada" a ela e com vestígios do incêndio demonstra que a Maggie e a mãe compartilharam e sofreram juntas aquele acontecimento e suas consequências.

Igualmente nos é mostrado pelas memórias de sua mãe, o perfil da filha Dee como estudante que se aproveita de sua habilidade e facilidade para ler, para impor seu gosto e ritmo de

leitura tanto para a mãe quanto para a irmã que se colocavam como ouvintes de sua leitura:

> Ela costumava ler para nós sem piedade; forçando palavras, mentiras, hábitos de outros povos, vidas inteiras sobre nós duas, ali encurraladas e ignorantes à mercê de sua voz. Ela nos mergulhou num rio de faz de contas; marcou-nos com o fogo de um conhecimento que não nos era necessário. Procurava nos abraçar com a forma séria com que lia, só para nos afastar com violência no exato momento em que, como imbecis, parecíamos estar a ponto de compreender (Walker, 1988, p. 54).

Em contraste com o perfil de Dee como "leitora" apresentado pelas memórias da narradora também é mostrado a forma com que sua filha Maggie lê: "De vez em quando Maggie lê para mim. Vai errando despreocupadamente, mas não enxerga bem. Ela sabe que não é inteligente" (Walker, 1988, p.55). Quando a mãe diz que Maggie é conhecedora de que não é inteligente entendemos que Maggie reconhece que a inteligência de sua irmã com quem se compara ou sempre é comparada é superior à sua também configurando-se este fato também um testemunho das memórias de sua mãe.

Estas lembranças ou memórias que elencamos utilizadas pela narradora para apresentar suas filhas se caracterizam como memórias coletivas da família porque apesar das especificidades da memória individual, estão inseridas em uma memória maior que caracteriza o grupo família. Na maioria das vezes encontramos testemunho das memórias da mãe narradora nas memórias, atitudes e comportamento da filha Maggie em relação a esta mãe da qual nunca se afastou e com a qual partilha afinidades. Por outro lado, a filha Dee confirma com um testemunho de comportamento as memórias de sua mãe.

Memórias das filhas Dee & Maggie

A partir da chegada da filha Dee à casa materna depois de longa ausência para estudos temos o desenrolar do conflito

crucial da trama quando Dee demonstra querer se apropriar de objetos confeccionados a mão por seus parentes. Dee pede a sua mãe a tampa de um latão de leite: "- Essa é a tampa que eu quero- disse. – Não foi o tio Buddy que a esculpiu de uma árvore que **vocês** tinham?" (Walker, 1988, p. 60).

Observamos que Dee ao apontar a tampa que deseja levar de presente, aponta uma particularidade do objeto: ter sido esculpida pelo tio Buddy. Apesar de ela integrar aquela família, ela própria se exclui deste grupo pois usa o pronome "**vocês**" para explicar a origem da madeira que foi esculpida "[...] a esculpiu de uma árvore que **vocês** tinham" quando poderia ter dito "de uma árvore que **nós** tínhamos".

Após ouvir a confirmação da mãe, que fora de fato tio Buddy quem fizera aquela peça. Dee solicita também à mãe a batedeira de manteiga. Neste momento o marido de Dee questiona se tal peça também havia sido esculpida pelo tio Buddy. A frase que sucede esta pergunta, ilustra bem a tentativa de reconstrução de memória: "Dee (Wangero) olhou para mim sem saber responder" (Walker,1988, p. 60). É significativo que Dee tenha olhado para a mãe "sem responder". Observamos nesta atitude de Dee uma ausência de memória e como ela busca na mãe um auxílio para lembrar. Porém ao invés da mãe responder quem o faz é sua irmã Maggie, indicando que Maggie conhece e compartilha das memórias da família como sua mãe: "- Quem fez a batedeira foi o primeiro marido de tia Dee – disse Maggie em voz tão baixa que quase não dava para se ouvir. – O nome dele era Henry, mas todos o chamavam de Stash." (Walker, 1988, p. 60). São relevantes os detalhes da informação dada por Maggie. Ela sabia até o nome verdadeiro daquele primeiro marido da avó (Henry) ainda que fosse conhecido por Stash. Compreendemos que esta memória pode inclusive ter sido preservada por Maggie por ter ouvido muitas estórias sobre sua avó e seus casamentos já que esta se casara duas vezes.

Também é relevante destacar a ironia com que Dee reage, pois, diz que Maggie tem um cérebro de elefante: "- Maggie tem o cérebro de um elefante." (Walker, 1988, p. 60). Anterior-

mente já havia sido destacado no texto o quanto Dee era mais inteligente e esperta que Maggie, porém em se tratando de memórias daquele grupo: família, Dee mostra-se em desvantagem e fica evidente que isto a incomodou bastante, por outro lado esta ocorrência pode confirmar que a memória de Maggie não esteja apenas embasada no que se lembra da convivência com a avó, mas também, que ela certamente se lembra mais de histórias da família através do que ouviu convivendo coma família.

Mais tarde quando Dee pede a mãe para ficar com as duas colchas confeccionadas a mão pela sua avó, ela pergunta: "posso ficar com estas colchas velhas? (Walker,1988, p.61) Ao selecionar o adjetivo "velhas" para qualificar o presente pretendido, ela parece enfatizar que o objeto não tem qualquer valor e, portanto, seu pedido não teria porquê ser recusado. A descrição de um fato simultâneo à formulação do mencionado pedido: "Ouvi barulho de alguma coisa caindo na cozinha, e um minuto depois a porta da cozinha se fechou com violência" (Walker, 1988, p.61) indica que este pedido tem forte impacto nos sentimentos de usa irmã Maggie uma vez que está explícito que esta foi a reação de Maggie ao ouvir o pedido da irmã.

A mãe das meninas ainda tenta convencer Dee a ficar com outras colchas e esclarece que aquelas pleiteadas por Dee não foram feitas exclusivamente pela avó, complementando que ela (a mãe narradora) também participou da confecção das mesmas: "Essas *velharias* foram feitas por mim e por Big Dee com uns retalhos que sua avó reuniu antes de morrer" (Walker, 1988, p. 61, *destaque nosso*). A narradora contrasta o termo *velharias* (reafirmando o adjetivo usado pela filha) com a tradição de costurar colchas de retalho em família. Somente neste momento Dee explicita seu real interesse pelas colchas que solicita: "Os outros não me interessam. Eles têm uma costura à máquina em toda volta." (Walker, 1988, p.61). Quando a mãe dela argumenta que ter sido costurada à máquina garante durabilidade Dee responde: "- Essa não é a questão mamãe. Todos estes retalhos são de vestidos que vovó usava. Ela costurou tudo a mão. Imagine só!" (Walker, 1988, p. 61).

Neste momento mais uma vez fica claro o quanto as lembranças de Dee são vagas e se distanciam das memórias minuciosas de sua mãe e de sua irmã em relação ao cotidiano da família. Mesmo tendo acabado de ouvir a sua mãe dizer que ajudou Big Dee a fazer aquelas colchas, Dee atribui a feitura das colchas exclusivamente à sua avó. Além disso a tradição de confeccionar colchas de retalhos em família indica que participaram da feitura daquelas colchas a narradora, sua irmã mais velha (Big Dee) e sua mãe (vó Dee): "E lá veio Wangero com dois acolchoados. Eles haviam sido formados a partir de retalhos por vovó Dee, e depois Big Dee e eu os penduramos nas molduras que tínhamos na varanda da frente e fizemos o acolchoado" (Walker,1988, p. 60).

Dee também não reconhece e não compartilha a tradição da família de confeccionar colchas para o uso diário ao criticar o destino que sua irmã daria as colchas quando sua mãe lhe diz que havia prometido dá-las de presente de casamento a sua irmã: "- Maggie não tem condição de dar valor a essas colchas! É bem capaz que ela seja tão retardada a ponto de as deixar no uso diário" (Walker, 1988, p. 61). Por sua vez a mãe narradora ratifica que este seria o destino adequado a aquelas peças e somente por isso estas vinham sendo poupadas: "– Acho que sim – disse eu- Só Deus sabe há quanto tempo venho guardando essas colchas sem que ninguém as use. Espero que ela use, sim" (Walker, 1988, p. 61).

Mais uma vez constata-se que a narradora e sua filha Maggie partilham dos mesmos interesses e expectativas confirmando o estreitamento de afinidades e harmonia enquanto grupo familiar. Além disso, Maggie não se lembra de nada sobre as colchas a não ser o fato delas terem sido feitas pela avó (se esquecendo inclusive que teve ajuda de sua mãe e de sua tia Big Dee) e sua mãe é que vai rememorando os detalhes na composição das colchas a partir do que cada retalho mais significativo evoca:

> Os dois eram compostos de retalhos de vestidos que vovó Dee usara uns cinquenta anos antes. Diversos pedaços de camisa de lã escocesa de vovô Jarrell. E um minúsculo fragmento azul desbotado,

> mais ou menos do tamanho de uma caixa de fósforos que era de nosso bisavô Ezra durante a Guerra de Secessão. [...] - Alguns dos retalhos, como os de cor lilás, são de roupas velhas que sua bisavó deu a ela (Walker, 1988, p. 61).

Na descrição da peça percebemos o quanto da memória da família estava contido naquele trabalho.

Outro ponto importante do texto sobre noção de memória é quando Maggie verbaliza que abre mão das colchas: "– Ela pode ficar com elas, mamãe. [...] – Eu posso me lembrar de vovó Dee sem as colchas" (Walker, 1988, p. 62).

Maggie afirma que a importância das colchas para ela é a memória de sua avó, mesmo assim admite que a ausência do objeto não apagará a memória que ela tem da avó, ratificando que conviver com a avó marcou suficientemente sua vida para que seja possível para ela abrir mão daquele prometido presente de casamento. É dito na narrativa que Maggie sabe fazer aquele tipo de colcha e que "Foram vovó Dee e Big Dee que a ensinaram a fazer acolchoados" (Walker, 1988, p. 62). Evidencia-se, então, que enquanto a filha Dee mais se identificava com os estudos formais e tinha ambição de estudar em centros maiores, possivelmente não se identificava , nem se envolvia com atividades rotineiras da família e que este distanciamento da família se acentou por ela ter passado a integrar outros grupos ao ter se deslocado para centros maiores para estudar.

Halbawachs (2006) considera que a duração de uma memória está limitada à duração da memória do grupo, sendo assim existe a necessidade de que os elos entre os integrantes de um grupo sejam preservados para que a sua memória permaneça. O autor exemplifica esta assertiva recorrendo a recordações que podem ser coletadas a respeito de uma turma escolar, do ponto de vista dos alunos e do ponto do professor. Conclui-se que os alunos se lembram de fatos vividos na turma específica e destacam sempre a performance do professor. Já o professor, por não fazer parte apenas daquele grupo específico (uma turma) e por compartilhar experiências similares com outros grupos e ainda por estar menos envolvido do que

os alunos no grupo que ambos faziam parte, não recupera facilmente ou nem completamente a mesma lembrança do grupo (alunos de uma turma e professor desta turma). Este exemplo mostra que a memória coletiva tem como base as recordações que as pessoas recuperam enquanto integrantes de um grupo e mesmo tendo uma base comum, as lembranças serão acessadas de a partir do envolvimento de cada um em cada contexto e terá influência destes ambientes ou ambientes de que participava:

> Contudo, se a memória coletiva tira sua força e sua duração por ter como base um conjunto de pessoas, são os indivíduos que se lembram, enquanto integrantes do grupo. Dessa massa de lembranças comuns, umas apoiadas nas outras, não são as mesmas que aparecerão com maior intensidade a cada um deles. De bom grado, diríamos que cada memória individual é um ponto de vista sobre a memória coletiva, que este ponto de vista muda segundo o lugar que ali ocupo e que este mesmo lugar muda segundo as relações que mantenho com outros ambientes (Halbwachs, 2006, p. 69).

Entendemos, então, que uma lembrança será reconhecida e reconstruída se os atores sociais buscarem marcas de proximidade que os permita continuar fazendo parte de um mesmo grupo compartilhando as recordações. Para Halbwachs (2006) se as lembranças não podem ser partilhadas pode-se dizer que desaparece uma memória coletiva:

> Para que a nossa memória se aproveite da memória dos outros, não basta que estes apresentem seus testemunhos: também é preciso que ela não tenha deixado de concordar com as memórias deles e que existam muitos pontos de contato entre uma e outras para que a lembrança que nos fazem recordar venha a ser reconstruída sobre uma base comum. [...] é preciso que esta reconstrução funcione a partir de dados ou de noções comuns que estejam em nosso espírito e também no dos outros, porque elas estão passando destes para aquele e vice-versa, o que será possível somente se tiverem feito parte e continuarem fazendo parte de uma mesma sociedade, de um mesmo grupo (Halbwachs, 2006, p.39).

Ainda que as recordações estejam relacionadas a acontecimentos distantes no tempo, o contato com as pessoas que

partilharam aquelas situações ou com os lugares em que elas aconteceram permite a lembrança daqueles fatos através da relação intrínseca da memória individual e memória coletiva. Quanto mais inseridos estiverem os participantes de um grupo, mais condições terão de recuperarem suas memórias assim como melhor contribuirão para a recuperação e perpetuação da memória do grupo.

Considerações finais

Através das análises das memórias da mãe narradora do conto *Uso Diário* e das memórias de suas filhas Dee e Maggie, pudemos constatar a identificação da filha Maggie com a mãe e vice versa pelo fato das duas partilharem espaço e tempo valorizando as tradições de família. Já a filha Dee, desde jovem rejeitava alguns hábitos e tradições de família por ter acesso a outros saberes e outra consciência que a princípio desvalorizava estas tradições de sua família afro-americana.

Quando Dee tanto argumentou, na tentativa de ganhar de presente de sua mãe as duas colchas de retalhos, para levá-las a fim de pendurar como quadros, obras de decoração em sua residência, sua mãe se recordou que já havia oferecido uma delas a esta filha, quando esta foi para a universidade, mas "na época ela me dissera que elas eram antiquadas, fora de moda (Walker,1988, p.62) e a recusou. Naquele momento Dee estava tão influenciada por valores de uma educação hegemônica que não conseguia valorizar a tradição da sua própria família, comportando-se inclusive como se fosse vergonhoso levar para a universidade uma colcha de retalhos, velha e fora de moda, pois não conseguia ver nada além disso, naquela peça confeccionada em família.

Ao se deslocar para um grande centro, Dee teve contato com a redescoberta e o interesse que o mundo estava dedicando a ancestralidade e cultura africana e a reação dela se assemelha ao olhar do estrangeiro que passa a valorizar o que há de

exótico na tradição africana que ganha *status* de peça cultural de inestimável valor que merece ser observada e ou preservada em museus ou galerias de arte. As lembranças vagas e mesmo a falta de memória das tradições de sua família que percebemos na constituição da personagem Dee demonstram a influência do meio social e dos grupos a que se integrou durante seus deslocamentos e que certamente impactaram na constituição de sua identidade.

Dee caracteriza-se como uma mulher negra que pela educação formal conquistou muito espaço e conhecimento, e que por outro lado deixou de absorver mais de sua tradição familiar que indica que preservava os valores de família com respeito e orgulho. A memória coletiva da família da narradora preserva e respeita a tradição de se dedicar ao artesanato para confeccionar objetos para o uso próprio e diário mesmo que para outras realidades este artesanato tenha alçado valor de "arte "e tenha se tornado passível de outro tipo de consumo. O uso das colchas de retalhos confeccionadas em família para uso diário pode indicar uma resistência natural a exploração de suas energias criadoras como produtos que podem render lucros para pessoas externas ao seu mundo natural e por isso significa tão diferente para a mãe e afilha que convivem e partilham memórias da filha Dee que há muito deixou de pertencer aquele grupo familiar por divergências de interesses, ideias e estilos de vida.

A noção de memória coletiva segundo Halbawachs (2006) que defende que quanto mais inseridos estiverem os participantes de um grupo, mais condições terão de recuperarem suas memórias assim como melhor contribuirão para a recuperação e perpetuação da memória do grupo; nos permitiram destacar com clareza a identificação da mãe narradora com a filha Maggie assim como evidenciar o processo de distanciamento desta família vivida pela personagem Dee seja pelo que privilegiou nos estudos ainda quando vivia com a família, seja pela empatia que teve com outros grupos do quais tem feito parte durante sua vida.

Referências

GAGNEBIN, Jeanne-Marie. "Entre moi et moi-même" ("Entre eu e eu mesmo", Paul Ricœur). *In:* GALLE, Helmut; OLMOS, Ana Cecília; KANZEPOLSKY, Adriana; IZARRA, Laura Zuntini (org.). *Em primeira pessoa:* abordagens de uma teoria da autobiografia. São Paulo: Annablume; Fapesp; FFLCH/USP, 2009. p. 133–139.

HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. Tradução de Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 2006.

LE GOFF, Jacques. *História e memória*. Tradução de Bernardo Leitão; Irene Ferreira; Suzana Ferreira Borges. 7. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2013.

WALKER, Alice. Uso diário. Tradução de Waldéa Barcellos. *In :* _____. *De amor e desespero:* histórias de mulheres negras. Rio de Janeiro: Rocco, 1998. p. 52–63.